



A INTERSEÇÃO MÍDIA RELIGIOSA E MERCADO E A RESSIGNIFICAÇÃO DE SIGNOS BÍBLICOS PELOS EVANGÉLICOS

The intersection between religious media and marketplace and the re-signification of Biblical signs by the Protestants

Magali do Nascimento Cunha

Doutora em Ciências da Comunicação,

docente da Universidade Metodista de São Paulo

(Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social e Faculdade de Teologia).

RESUMO: Um fenômeno que tem marcado as práticas das igrejas evangélicas no Brasil na contemporaneidade é a aplicação, em contextos diversos, de signos do Antigo Testamento bíblico tais como (a) a menção de imagens em canções, como as de Sião, trono, Senhor dos Exércitos, Santo dos Santos, entre outros; (b) a nomeação de "levitas" como as pessoas encarregadas da liderança musical nas igrejas; (c) o uso de instrumentos de som judaicos ("shofar") ou a decoração de altares com a estrela de Davi e candelabros; (d) o destaque ao Rei Davi como modelo a ser seguido; até a prática de estabelecimentos de "votos" (promessas) que implicam assumir comportamentos atribuídos a personagens do Antigo Testamento, como os "gaditas". Este é um fenômeno em ascensão e um olhar atento sobre ele aponta para um atrelamento deste desenvolvimento à estreita relação entre mídia religiosa e ideologia do mercado.

Palavras-chave: Evangélicos ; Signos ; Antigo Testamento ; Mídia Religiosa ; Mercado.

ABSTRACT: A phenomenon that has marked the practices of Protestant churches in Brazil in contemporary times is the application, in different contexts, of the signs of the Biblical Old Testament such as (a) the reference pictures in songs such as Zion, throne, Lord of Hosts, Holy of Holies, among others; (b) the appointment of "Levites" as the people responsible for musical leadership in the churches; (c) the use of Jewish instruments of sound ("shofar") or altars decorated with the Star of David and candelsticks; (d) the highlight to King David as a model to be followed; to the practice of setting "vows" (promises) that imply taking behaviors attributed to Old Testament characters such as the "Gadites". This is a phenomenon on the rise and a close view at it points to a linkage of this development to the close relationship between religious media and the market ideology.

Key-words: Protestants ; Signs ; Old Testament ; Religious Media ; Market

Introdução

Nos estudos da comunicação humana destaca-se a relevância da compreensão do lugar dos signos nos processos interpessoais e sociais. Afinal, "signo" é tudo aquilo que significa, ou, a que o ser humano atribui significado. E, segundo o "pai da Semiótica", a ciência que estuda os signos, Charles Peirce, o ser humano significa tudo que o cerca, por isso pensa, nomeia, indica, simboliza, realiza atos comunicacionais (PEIRCE, 1983). A Semiótica estuda o signo como o elemento da comunicação humana que é portador de uma mensagem ou do fragmento dela, por isso foi construída a teoria de que cada signo é uma unidade dicotômica, composta pelo significante (*signans*), "alguma forma física", e pelo significado (*signatum*), "referente exterior" (SANTAELLA, 2004). Entender como o significante pode ter vários significados é uma instigante reflexão e uma das motivações deste estudo que atenta para a significação de signos bíblicos entre os evangélicos.

Signos bíblicos sempre foram utilizados na história das igrejas como formas de comunicação da mensagem da fé, seja por meio do discurso verbal ou imagético. Além de Jesus, personagens dos relatos bíblicos como Adão e Eva, Jacó, Moisés, Sansão, Davi, os doze apóstolos, Zaqueu, o filho pródigo, Paulo revelaram-se as mais frequentes referências, certamente pelo apelo do conteúdo das situações em que estiveram envolvidos, para reprodução em sermões, na educação infantil e em representações teatrais. Não se considerando signos centrais no Cristianismo como a cruz e os elementos da eucaristia pode-se também identificar imagens, objetos e símbolos bíblicos como o Éden, o Mar Vermelho, a arca de Noé, sal e luz, a pomba e a Nova Jerusalém como signos com expressiva incidência em sermões, na educação infantil e na decoração templos e outros espaços relacionados às igrejas.

Interessa a este trabalho um elemento novo nesta constatação da utilização de signos bíblicos na prática das igrejas, particularmente entre as evangélicas brasileiras. Nos anos 2000, passaram a ser enfatizados, em movimento crescente, nessas igrejas signos (expressões/imagens/símbolos) retomados do Antigo Testamento bíblico, alguns já utilizados mas boa parte deles não, comunicados na forma de canções, pregações, liturgias e outras práticas. Essa forte ênfase é estimulada pela mídia religiosa, na veiculação de programas de rádio e TV, e pelo mercado da religião, em especial o

fonográfico, e encontra farta resposta entre os mais diferentes grupos do campo evangélico brasileiro.

Pesquisa que buscou compreender a configuração de uma nova forma cultural entre os evangélicos brasileiros da passagem do século XX para o século XXI, com base na tríade música-mercado-entretenimento, realizada pela autora deste trabalho, identificou o fenômeno então denominado cultura gospel.¹ Na compreensão dessa conformação cultural, já havia sido percebida uma tendência na ressignificação de signos do Antigo Testamento:

Uma atenção à letra das canções e às posturas assumidas em relação ao culto leva à percepção de que há uma utilização ideológica da teofania das tradições monárquicas de Jerusalém, com a reconfiguração de elementos e imagens retirados dos relatos do Antigo Testamento. A tradição é utilizada para se reconstruir, no século XXI, uma noção de religião templária, intimista, centrada no louvor e na adoração, que se contrapõe à teologia mosaica, e cristológica, do pastoreio e do serviço à comunidade. É elaborada uma teologia da realeza, do poder, do domínio, da guerra, da seleção, da hierarquia, que pode ser partilhada na terra. Essa teofania contém uma linguagem bíblica que facilita a justificação ideológica e dá forma à cultura *gospel*. (CUNHA, 2007, p. 186-187)

Este fenômeno se revela intensificado e potencializado no final da primeira década dos anos 2000 como um movimento de apropriação de símbolos/imagens/expressões/signos referentes ao Antigo Testamento bíblico e ao contexto judaico antigo, por igrejas, grupos e lideranças cristãs. Estes signos são selecionados, retirados do seu contexto, ressignificados e aplicados em práticas de igrejas evangélicas dos mais distintos ramos. O presente trabalho busca oferecer um estudo sobre como se dá este processo e identificar o lugar da mídia e do mercado no seu desenvolvimento.

¹ Sobre a explosão gospel entre os evangélicos brasileiros e a configuração da cultura gospel como uma nova formação cultural religiosa contemporânea, veja o CUNHA, 2007.

1. Identificando elementos do fenômeno

As aplicações teológico-pastorais mais comuns dos signos do Antigo Testamento hoje podem ser identificadas: (1) na ênfase à monarquia, ao templo judaico, a ações de guerra e domínio expressas no movimento musical gospel (letras de canções, capas de CDs e nos nomes de grupos musicais); (2) na utilização de imagens bíblicas na língua hebraica em letras de música e na nominação de elementos relacionados às igrejas ou ao mercado religioso; (3) na introdução de figuras, instrumentos musicais e símbolos judaicos e do Judaísmo nas práticas de culto e na ornamentação dos espaços cúlticos; (4) na realização de festas relacionadas à tradição judaica (Tabernáculos, Primícias, Purificação, Dedicção, Purim); (6) na prática de estabelecimentos de "votos" (promessas) que implicam assumir comportamentos atribuídos a personagens do Antigo Testamento, como os "gaditas".

1.1 Ênfase à monarquia, ao templo judaico, a ações de guerra e domínio expressas no movimento musical gospel (letras de canções, capas de CDs e nos nomes de grupos musicais)

Expressões-chave retiradas do Antigo Testamento bíblico passam a representar o tipo da prática e de qualidade da relação dos fieis com Deus: Deus ou o Senhor identificado como “Rei”, “Senhor dos Exércitos”, “General” e relacionado a “poder”, “domínio”, “majestade”; “colocar-se diante do trono”; “chegar ao santo dos santos”; “estar nos átrios de Deus”, “estar no santo lugar”; “trazer a arca”, “trazer o sacrifício”; “tocar na ponta do altar para alcançar o favor do Rei”; “despedaçar o inimigo”; buscar e oferecer “unção” para receber “poder”, “vitória”. São inúmeras as canções dos mais variados cantores e grupos musicais gospel que fazem uso destas expressões.

Os nomes dos grupos musicais também refletem esta prática. Alguns deles: Diante do Trono, Ministério Arca, Ministério Trazendo a Arca, Ministério Casa de Davi, Ministério Além do Véu, Ministério de Levitas *Shofar* para as Nações, Ministério Leão do Calvário. As capas dos CDs destes cantores e grupos também refletem esta ênfase visualmente, como nos exemplos reproduzidos a seguir (figura 1):



Figura 1 – Capas de CD que remetem a signos do AT

1.2 Utilização de imagens bíblicas na língua hebraica em letras de música e na nominação de elementos relacionados às igrejas ou ao mercado religioso

Por meio de músicas e de nomes dados a grupos musicais, produtos e lojas, termos em hebraico passam a fazer parte do vocabulário dos fiéis evangélicos. Dentre eles se destacam: Yeshua, shekinah, El Shaddai, Adonai, Ebenezer.

A canção “Jeovah Reina” do cantor Chris Duran é ilustrativa:

Jeovah Reina
El-olam, rahim, rayar Sefirot, harum,
shammah Eloai, maguen, teriláti Kodesh, ragdoll, nissi, elohim
Jehova reina em toda terra Rugindo como leão,
recuam os inimigos
Dando vitória aos que estão prossequindo

Nenhuma arma forjada contra mim
Prosperará ou me destruirá Jehova reina em toda terra
Ele é Sabaoth, Deus de guerra é o Senhor!
Ele morreu, mesmo assim ressuscitou!
Jehova reina em toda terra
O cavaleiro julgará todos os homens
Anjos caídos, ajoelhados e rendidos
E o último será satanáas
O derrotado que confessará
Jehova reina em toda terra

Os produtos oferecidos no mercado religioso, cuja publicidade é reproduzida a seguir (figura 2), também são ilustrativos:



Figura 2 – Imagens de produtos oferecidos no mercado que remetem a signos do AT

1.3 Introdução de figuras, instrumentos musicais e símbolos judaicos e do Judaísmo nas práticas de culto e na ornamentação dos espaços cúltricos

Com a potencialização das práticas de culto relacionadas ao Antigo Testamento, igrejas passam a fazer uso do *shophar* (chifre de carneiro utilizado em cultos do antigo Judaísmo), mesas do altar cristão passam a ser decoradas com *menorahs* (candelabros - suportes para velas utilizadas na Tenda ou no Templo judaicos), altares passam a conter arcas e tronos como elementos que o compõem e miniaturas destes objetos do Antigo

Testamento são distribuídas como símbolos de bênçãos em algumas igrejas. Surge, neste contexto, a figura dos “levitas”, como denominação aos músicos das igrejas, ou às pessoas que cuidam da música no culto, ou, mais especificamente, aos componentes dos ministérios “de louvor e adoração”.

De forma curiosa, a busca de símbolos relacionados ao Antigo Testamento foi ampliada para símbolos relacionados ao povo de Israel, a ponto de a bandeira do Estado de Israel contemporâneo passar a ser incluída nesta coleção.

As imagens reproduzidas a seguir (figura 3) ilustram este aspecto:



Figura 3 – Práticas em igrejas locais que ressignificam signos do AT

1.4 Realização de festas relacionadas à tradição judaica

Igrejas passam a inserir em suas programações e calendários a realização de festas próprias da tradição judaica relatadas no Antigo Testamento bíblico, tais como a Festa dos Tabernáculos, das Primícias, da Purificação, da Dedicção de Purim. Grupos se vestem com figurinos relacionados ao templo judaico e a estas tradições festivas enquanto cantam e dançam ao som de canções do repertório gospel que ressaltam as expressões-chave e termos em hebraico, como mencionado acima.

As imagens seguintes (figura 4) ilustram este aspecto:



Figura 4 – Imagens referentes à realização de festas da tradição do AT em congregações locais

1.5 A prática de estabelecimentos de "votos" (promessas) que implicam assumir comportamentos atribuídos a personagens do Antigo Testamento, como o rei Davi ou os "gaditas".

No contexto da intensa inserção de signos do Antigo Testamento na prática religiosa das igrejas evangélicas surge a identificação com personagens deste segmento

bíblico ligados às imagens da guerra e da vitória. Os que encontram mais evidência são o Rei Davi e os gaditas.

O Rei Davi já tem um destaque próprio na relação fieis cristãos-personagens bíblicos, pela história construída em torno dele como o maior rei que Israel teve e como antecessor de Jesus, conforme a genealogia que abre o Evangelho de Mateus. Vitorioso desde quando era um jovem pastor de ovelhas e derrotou o general Golias do exército filisteu, segundo a narrativa bíblica, usando apenas uma pedra, proeza que nem o rei Saul nem os mais fortes do exército de Israel haviam conseguido, Davi sempre representou o símbolo de um homem que conquistou grandes feitos por conta de sua fé em Deus.

Com o movimento gospel em evidência a partir dos anos 90 no Brasil, o fato de Davi ter sido músico e compositor de Salmos vai ser colocado em maior destaque, a ponto de Davi ser posto em lugar tão significativo quanto o de Jesus em algumas pregações e canções. Ele passa a ser identificado mais intensamente como um exemplo a ser seguido pelos músicos da igreja e pelos fieis em geral, como “um homem segundo o coração de Deus”, identidade que lhe foi atribuída em trechos do AT mesmo depois de cometer um crime relacionado à prática de adultério. Os extratos a seguir são exemplares desta nova significação.

Saiba como ser um empreendedor como Davi

Por Eduardo Prestes

(...) Um detalhe importante na caminhada de Davi para unificar Israel foi a conquista de Jerusalém. Por inspiração Divina, ele sabia que só conseguiria cumprir a missão de juntar todas as tribos israelenses caso tivesse uma cidade geograficamente bem localizada, onde pudesse guarnecer seu exército e preparar-se para as batalhas.

Jebus, como era chamada a cidade antes de ser conquistada pelos hebreus, era praticamente intransponível. Porém, Davi sabia que a posição dela era estratégica para derrotar os inimigos de Israel e concretizar seus planos. Ele conquistou a cidade. (...).²

Cria Em Mim (Comunidade de Nilópolis)

Cria em mim ó Deus, cria em mim ó Deus
Um coração puro
E renova, e renova um espírito inabalável

² Portal Universal. Disponível em <http://www.universal.org/noticia/2014/07/14/saiba-como-ser-um-empendedor-como-davi-20312.html>. Acesso em 4 jul 2014.

Não retires de nós o Teu espírito
Não retires de nós o Teu espírito
Quero aprender com meus erros
E não mais cometê-los
Sei que não vai ser tão fácil
Mas, difícil é continuar no erro
E viver no mesmo desespero
E ficar para trás
Eu quero ser
Um homem segundo o coração de Deus
Eu quero ser eu quero ser
Um homem segundo o coração de Deus
Quero aprender com meus erros e não mais cometê-los
Sei que não vai ser tão fácil mas, difícil é continuar no erro
E viver no mesmo desespero e ficar para trás
Eu quero ser
Um homem segundo o coração de Deus

Figura 5 - Loja Central Gospel, DVD Enfrentando os Problemas...

The image is a screenshot of the Central Gospel website. At the top, there is a navigation bar with the logo 'CENTRAL GOSPEL' and the tagline 'impartando vidas e conquistando vitórias'. Below the logo, there are links for 'Associação Vitória em Cristo', 'Rutar Vitórias', 'Central Gospel Russ', and 'Verdade Gospel'. To the right, there is a 'Sala de Compras' with a shopping cart icon and a search bar with the text 'procure produtos'. Below the navigation bar, there is a yellow banner with the text 'ATENÇÃO: CLIENTES BRASILEIROS EM TERRITÓRIO NACIONAL - FRETE GRÁTIS NAS COMPRAS ACIMA DE R\$99,00'. The main content area features a product listing for 'LIVRO ENFRENTANDO PROBLEMAS E SEGUINDO EM FRENTE' by Silas Malafaia. The product image shows a book cover with a person's feet walking on a path. The price is listed as 'de R\$ 17,00 por R\$ 8,95', with a note 'economize R\$ 8,05 desconto de 50%'. There are 'COMPRAR' and 'INDICAR este produto' buttons. Below the product image, there are social media sharing options for Twitter, Facebook, and Google+. The 'Descrição do Produto' section contains a paragraph of text about the book's content, mentioning the author's experiences and the book's focus on overcoming problems through faith and seeking God's help.

A figura dos gaditas é outra que encontra ampla adesão como uma imagem a ser reproduzida na prática das igrejas contemporâneas. Gaditas eram os integrantes da Tribo de Gade, tal qual o relato do AT. Era uma tribo sem destaque na história de Israel e as poucas menções que lhe são feitas a caracteriza como uma tribo de homens guerreiros que se relacionaram com o rei Davi, apesar de sofrerem críticas por ações equivocadas. A imagem dos gaditas passa a ser relacionada à identidade a ser assumida por fieis, principalmente jovens, que buscam vitória frente às lutas da vida e aos espíritos malignos que impedem a ação de Deus nas suas vidas. Seguem canção e imagens (Figura 5) ilustrativas desta compreensão.

Gadita (Raquel Soares)

O devorador está ao meu redor e ele quer me despedaçar

Mas Jesus me dá vitória pro devorador não dou lugar

Não dou lugar, não dou lugar

Gadita, se aprume pra batalha, gadita, o general vai te chamar

Gadita é tempo de vitória, gadita é tem

O mundo está cheio de prazeres e eles querem me atrair

Mas tudo isso é ilusão, do pecado eu vou fugir,

Eu vou fugir, eu vou fugir

O inimigo que me afrontar, minhas bênçãos ele quer roubar

Mas a ele eu vou resistir, pois maior é o que está em mim

O que está em mim, o que está em mim





Figura 6 – Imagens referentes ao signo “gadita” presentes em práticas de igrejas

Todos os cinco elementos aqui identificados se encontram presentes na prática das mais variadas igrejas e grupos evangélicos. A mídia e o mercado religiosos, como já referido, se revelam veículos significativos na propagação destas práticas e na disseminação de sentidos (significações) atribuídos a estes signos.

2. Bases para a trajetória de interpretação do fenômeno

O interesse na pesquisa deste fenômeno com vistas à interpretação do seu significado no campo religioso se configura em três questões/problemas que conduzem o processo investigativo: por que esta ênfase em símbolos e imagens do Antigo Testamento da parte de grupos evangélicos brasileiros? Por que enfatizar signos do Antigo e não do Novo Testamento mais diretamente relacionado ao contexto cristão? Dada a rejeição clássica dos evangélicos a símbolos visuais com vistas a desviarem-se do perigo da idolatria e da identificação com o catolicismo-romano, como explicar esta explosão de símbolos visuais na decoração dos templos e ambientação de cultos?

Já na pesquisa sobre a explosão gospel, realizada pela autora deste trabalho, acima mencionada, uma premissa orientava o caminho a ser trilhado:

A resposta não está na história do protestantismo brasileiro, que construiu uma teologia muito pouco baseada no Antigo Testamento. Para Antonio Gouvêa de Mendonça, o protestantismo no Brasil baseou-se numa religião de Jesus, cristológica. Um estudo realizado por ele³, com base nos cânticos que integram a hinódia tradicional protestante brasileira, demonstra a centralidade da fé e a imagem de Cristo em Deus, longe das imagens da teofania das tradições monárquicas de Jerusalém. A exceção seria a imagem do Deus guerreiro que convida para um engajamento também guerreiro de seus seguidores, mas não é um discurso predominante. A conversão a Cristo torna-se a centralidade, inclusive na hinologia, primeiramente com os hinos clássicos inseridos pelos missionários, depois com os corinhos trazidos pelas paraeclesiásticas estadunidenses. A ênfase no Cristo salvador prevaleceu no protestantismo brasileiro e só foi alterada nas décadas de 80 e 90 (CUNHA, 2007, p. 186).

Esta ênfase no Novo Testamento identificada por Mendonça entre os evangélicos brasileiros é refletida na farta distribuição de cópias do Novo Testamento, e não da Bíblia completa, em ações de pregação missionária. O Cristo que redime, morre na cruz, verte sangue em favor de muitos, é a imagem marcante desta pregação. Quando se observa as décadas de 80 e 90, com o advento das teologias da prosperidade e da guerra espiritual, a imagem do Cristo salvador é nitidamente substituída pela imagem do Cristo Rei, sentado no trono, comandante de ações bélicas, guerreiro, que convoca combatentes para derrotar o inimigo que se coloca no meio dos seus súditos (a igreja). Isto se configura em outra premissa que conduziu a trajetória de análise em relação ao significado no novo fenômeno:

Uma atenção à letra das canções e às posturas assumidas em relação ao culto leva à percepção de que há uma utilização ideológica da teofania das tradições monárquicas de Jerusalém, com a reconfiguração de elementos e imagens retirados dos relatos do Antigo Testamento. A tradição é utilizada para se reconstruir, no século XXI, uma noção de religião templária, intimista, centrada no louvor e na adoração, que se contrapõe à teologia mosaica, e cristológica, do pastoreio e do serviço à comunidade. É elaborada uma teologia da realeza, do poder, do domínio, da guerra, da seleção, da hierarquia, que pode ser partilhada na terra. Essa teofania contém uma linguagem bíblica que facilita a justificação ideológica e dá forma à cultura *gospel*. (CUNHA, 2007, p. 186-187).

Portanto, tornam-se bases para a investigação três elementos-chaves: (1) o reconhecimento de uma alteração nas ênfases bíblicas entre os evangélicos brasileiros –

³ MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O Celeste Porvir*. A inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 235-253.

de uma ênfase cristocêntrica neotestamentária a uma ênfase teocêntrica veterotestamentária; (2) a constatação de que esta alteração tem um sentido contextual: o advento das teologias da prosperidade e da guerra espiritual resultantes da lógica do consolidado capitalismo globalizado como o sistema socioeconômico e político predominante no mundo; (3) o lugar da mídia e do mercado religiosos divulgadores e disseminadores desses signos bíblicos ressignificados à luz do contexto acima descrito.

3. As ideologias do mercado na teologia e na prática das igrejas

A derrocada do regime socialista no final dos anos 80 do século XX e o estabelecimento de políticas de ajuste dos países capitalistas à nova configuração do sistema socioeconômico baseado em novas formas de regulação do mercado, com a desestatização da economia e dos serviços e a quebra das fronteiras comerciais (processo de globalização da economia), demarcaram uma nova era e um novo regime de organização da vida no mundo, nominado por estudiosos como uma nova face do liberalismo econômico, o neoliberalismo.

Esse contexto histórico vem sendo marcado, desde então, pela estratégia de se levar às últimas conseqüências o princípio da “maximização da acumulação do capital”. Com isso consagram-se as estruturas mundiais de poder cujas funções são assumidas por organizações multilaterais e corporações transnacionais. Cria-se uma nova forma de vida em sociedade, a sociedade global baseada no direito de consumir, de circular amplamente pelos mercados, alimentada por uma revolução tecnológica, em que a propriedade intelectual e a informação passam a ser bens de muito valor. De acordo com esta construção ideológica, para se estar incluído no atual sistema é necessário que o indivíduo seja capaz de consumir e tenha um mínimo de domínio dos aparatos tecnológicos. Fato é que muitas pessoas, de muitos lugares ficam de fora desta lógica, são excluídas, “não têm salvação” e são destinadas à própria busca de sobrevivência. Com isso, individualismo e competição transformam-se molas propulsoras do atual sistema.

Este sistema sociopolítico e econômico tornou possível o advento e o sucesso de duas formas religiosas que buscam traduzir a esta ideologia – a Teologia da Prosperidade e a Guerra Espiritual. Elas desenvolveram uma interpretação de que fieis

tem direito, adquirido por meio da busca da santidade e da comunhão com Deus, de gozar uma vida de tranquilidade e conforto neste mundo. Isto significa uma religiosidade estabelecida com base numa troca: o fiel se compromete com Deus e Deus, por seu turno, o recompensa na forma de bênçãos materiais como auto-sustento financeiro, acesso aos bens oferecidos pelo sistema por meio do consumo e saúde do corpo para desfrute desses benefícios (Cf. HAGIN, 1988; GONDIM, 1993).

Aqui há reprocessamento da lógica do sistema que se resume à equação: inserção no sistema = acumulação de bens materiais por meio do consumo + domínio de tecnologia + eficiência na participação na produção. A competição também é incluída nesta elaboração teológica: quem vence nesta sociedade global pode ser considerado “escolhido de Deus” e a acumulação de bens materiais é interpretada como bênçãos para os “filhos do Rei” (ou “Príncipes”).

E o que dizer dos fieis que perdem a competição social e experimentam pobreza, dificuldades financeiras e enfermidades? Esta formação teológica apresenta duas explicações: derrota é resultado de pouca dedicação a Deus e a responsabilidade é única e exclusiva do “crente” que pouco fez para receber as bênçãos; e há forças do mal atuando no mundo para que os “filhos do Rei” sejam derrotados; nesse caso, é necessário “destruir o inimigo” ou “o mal” que impede que se alcance as bênçãos da prosperidade, por isso deve-se invocar todo o poder que é direito do fiel para se estabelecer uma guerra contra “o devorador”.⁴

4. Os signos do Antigo Testamento ressignificados pela lógica do mercado

A base bíblica para esta formulação teológica, que busca inserir a fé cristã e as igrejas na lógica do mercado, do capitalismo globalizado, dificilmente seria encontrada no Novo Testamento com suas propostas de desapego aos valores materiais, de Deus que se revela na fraqueza e no sofrimento, de misericórdia e justiça e do Deus que encarna no ser humano e nasce em família pobre e num lugar humilde. O recurso ao Antigo Testamento não é também naturalmente trabalhado. No Antigo Testamento convivem formas teológicas distintas, com diferentes compreensões de Deus. Uma que

⁴ Exemplos de canções e pregações que disseminam esta forma teológica podem ser encontrados em CUNHA, 2007, p. 87-170.

o interpreta a partir da vida nômade, que tem o deserto como desafio, que vê um Deus caminhante que não habita em templos ou palácios mas em tendas e na simplicidade da vida pastoril e agrícola. É o Deus da Teologia Mosaica e que escolhe Profetas para serem seus porta-vozes. Outra que interpreta Deus como o Rei, Senhor dos Exércitos, que habita a cidade, no Monte Sião, que tem um templo rico e ornamentado como casa, que escolhe Reis para serem seus porta-vozes. Na teologia que traduz o capitalismo globalizado e suas ideologias do individualismo, da seleção (eleição) e da competição, a ênfase teológica bíblica que mais corresponde a esta lógica é a teofania das tradições monárquicas de Jerusalém⁵. Esta teofania, no entanto, tem o seu significado próprio no contexto dos escritos bíblicos – respondem àquele momento da história de Israel (Cf NOTH, 1985). Ela nasceu de uma ideologia sustentadora da figura do rei. O povo israelita estava dividido quanto à aceitação de uma autoridade monárquica e da escolha de uma cidade onde ele estabeleceria o seu reinado. A elaboração de uma teologia, pelo rei com os líderes religiosos, de justificativa da monarquia e da cidade-centro tornou-se fator harmonizador e introduziu uma nova compreensão de Deus e das práticas religiosas.

Essa tradição nasceu de uma ideologia concebida pelo rei Davi com o apoio de sacerdotes: uma “teologia palaciana” (NOTH, 1985, p. 145-58). Foi a política que se consolidou relacionada à religião que, conseqüentemente, tomou nova forma. Isso aconteceu quando o rei Davi decidiu levar a Arca da Aliança, forte símbolo do culto israelita, para Jerusalém e reservar-lhe um local de destaque no templo que ele estava para construir. A forma de culto que tinha como centro a arca, que era itinerante, não era fixada em local determinado, acompanhava o povo no seu cotidiano, foi radicalmente transformada, em nome da tradição de países civilizados baseada em santuários locais fixos.

Para a monarquia em Israel se consolidar, centrada em Jerusalém, a Deus foi atribuída a imagem de rei, de governante, que havia escolhido ali como sua cidade e o templo como local de moradia. Jerusalém tornou-se, portanto, mais do que uma capital,

⁵ Teofania é um termo que designa uma manifestação extraordinária do divino. As circunstâncias e as formas de aparição podem ser diferentes dependendo conceito de Deus. No caso da teofania das tradições monárquicas de Jerusalém o conceito de Deus esta relacionado à idéias como grandeza, realeza, soberania, guerra. Cf. TEOFANIA. In: WALDENFELS, Hans (Editor). *Léxico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1998.

base da monarquia terrena, mas cidade sagrada. É uma teologia que agregou elementos de outras tradições religiosas, como a da montanha sagrada, divina – uma tradição antiga que interpretava ser a montanha mais alta o local de residência de um deus. No caso, Jerusalém estava assentada sobre o Monte Sião, que nem é dotado de muita altitude, mas ganhou, nessa leitura teológica, o status de montanha sagrada: Jerusalém repousa sobre o monte, é a cidade mais alta e isso a qualifica como cidade real de Deus, moradia terrena dele de onde exerce o seu governo. Aí reside a explicação para a arca se fixar naquela localidade e o estabelecimento da necessidade de uma peregrinação até ela para o culto, as festas, as ofertas. Jerusalém passou a ser o único local de culto. Essa construção teológica reuniu toda a mística, todo o mistério disponível na tradição, para convencer o povo de que era em Jerusalém que a intervenção divina se manifestava. Surgiram as imagens do Santo dos Santos, dos querubins, por exemplo.

Além da imagem da realeza e do governo (que tem embutidas as de soberania, poder, domínio, trono), a teofania da tradição monárquica de Jerusalém relaciona as de guerra, exército, também a Deus. Deus está em Jerusalém, portanto ela não pode ser abalada, ameaçada, porque lá é a cidade dele. Deus faz guerra, protege a cidade santa e exerce vitória sobre os reis estrangeiros por intermédio dos feitos dos reis israelitas terrenos – todos são derrotados.

Os profetas, com poucas exceções, já pertencem a outra corrente teológica, a teologia mosaica, tribal. A teologia mosaica não valoriza a montanha, mas os sinais do deserto, a tradição do pastoreio e da caminhada nômade, que é acompanhada por Deus, caminhante e companheiro, sem morada. A teologia da tradição monárquica de Jerusalém prevalece no Antigo Testamento pois os editores desta parte da Bíblia eram pessoas ligadas a Jerusalém; entretanto é encontrada nos relatos sobre Jesus Cristo, visto que ele apresenta-se como pastor, tem o deserto como referência, critica Jerusalém. A Igreja Primitiva segue nessa compreensão do Cristo e percebe que sua expansão depende da saída de Jerusalém. A tradição judaica é preservada no movimento dos cristãos mas não a corrente de Jerusalém.

As imagens e a mística da teofania da tradição monárquica de Jerusalém são retomadas na literatura apocalíptica, e significam um recurso utilizado no judaísmo do período pós-exílico quando o povo judeu vivia sob domínio grego. É uma fase de muita

luta por libertação, inclusive luta armada. A linguagem apocalíptica tem a característica de luta no plano ideológico. A expectativa de um fim dos tempos e do triunfo de um reinado de Deus não mais neste mundo é a vitória final de quem perseverar na fé a este Deus; daí retoma-se a idéia do trono, do governo, da soberania de Deus.

O discurso apocalíptico aparece no Novo Testamento pois o cristianismo primitivo recebeu forte influência das idéias apocalípticas, já que estava sob a opressão do império romano e ansiava pela imposição da lei de Deus e o juízo final. A própria referência a uma nova cidade santa, uma nova Jerusalém, está relacionada a uma nova ordem política e religiosa, onde não haverá injustiças nem templo pois a presença ressurreta do Cristo enche a cidade.⁶

No contexto das igrejas evangélicas do século XXI, Deus-Pai/o Senhor ganha mais destaque e a cristologia é adaptada às imagens da realeza e do domínio pela força. Na obra *Explosão Gospel*, a autora deste trabalho já identificava a ressignificação de elementos daquela tradição em função das demandas da contemporaneidade:

Essas imagens bíblicas são retiradas das tradições monárquicas de Jerusalém contidas no Antigo Testamento e também dos poucos trechos apocalípticos dos evangelhos e das cartas apostólicas e, principalmente, do livro de Apocalipse. (...) Reaparecem imagens como a dos “Santos dos Santos”, do altar sagrado, da purificação e separação de pessoas e elementos reservados para o culto; por exemplo, pessoas são separadas e passam a integrar uma hierarquia cültica – os levitas – e instrumentos musicais dedicados para somente tocar músicas religiosas. (...) Por isso desenvolve-se a idéia de que os levitas são “separados”, “santificados”, não são qualquer pessoa – é preciso se mostrarem capazes de integrar tal “tribo”. E descarta-se a tradição levítica do serviço à comunidade e da vida despojada. (...) Daí emerge o espírito de concorrência, que é consequência de todo o processo seletivo, e, por sua vez, elemento básico na lógica do mercado, que passa a ser também parte do serviço levítico do tempo presente. O discurso da “santidade”, do “serviço separado para Deus”, enfrenta uma contradição: a busca de uma superioridade, do destaque por parte dos integrantes da “tribo”. (CUNHA, 2007, p. 187)

Elementos como a *menorah* e a arca, que passam a ser parte da decoração de templos e da ambientação cültica na contemporaneidade, buscam relação com o passado de glória e riqueza de Israel relacionado à monarquia e à construção do templo de

⁶ Esta abordagem pode ser encontrada em KÜMMEL, Werner G. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 594-624.

Jerusalém. Segundo os estudiosos do AT, o ouro e a ostentação relacionados a estes elementos fazem parte do imaginário das tradições pós-exílicas dos sacerdotes do antigo Israel e pouco tem de relação com a história do surgimento destes objetos no deserto (mais simplicidade, própria do contexto). A imagem da arca mesmo teria desaparecido já no período da divisão dos dois reinos mas no século XXI ressurgiu em nomes de grupos musicais, de igrejas do universo pentecostal e nos altares com todo o brilho do imaginário pós-exílico. Nesse sentido, a mensagem de prosperidade, glória e vitória passam a ter estreita relação com estes símbolos visuais, enquanto a cruz ou a pomba ficam em segundo plano devido à proximidade com as ideias de humilhação, simplicidade, derrota, que não cabem na lógica do contexto da teologia de mercado.

Figuras como o Deus de Guerra, o “cavaleiro Jeová” e os gaditas alimentam a noção da guerra espiritual permanente contra os poderes anti-prosperidade, anti-realização do mercado para que fieis alcancem poder e sucesso. O que não seria possível em relação ao Novo Testamento com personagens e situações que evocam derrota e dificuldade, como a perseguição à igreja, apóstolos em prisões e perseverança como um valor.

Este quadro de adesão a uma nova concepção cristã a partir dos signos bíblicos se completa com uma identificação mais ampla com a tradição do judaísmo e a realização de festas que lhe são próprias.

5. O lugar da mídia como propagadora desta ideologia

A ampla adesão ao processo de resignificação de signos do AT, que perpassa a realidade de igrejas das mais diversas tradições evangélicas, é resultado da forte presença destas mensagens na mídia religiosa, muito especialmente pela via da música e suas derivações (programas de rádio e TV, shows, CDs, DVDs), pelas pregações/mensagens divulgadas por celebridades do mundo evangélico (programas de rádio e TV e publicações de cantores, artistas e pastores) e pelos produtos oferecidos pelos veículos.

A canção do grupo musical Trazendo a Arca, reproduzida a seguir, é ilustrativa do discurso predominantemente disseminado pela mídia evangélica e repetido na prática cotidiana das igrejas por meio de discursos verbais e não-verbais:

Toque no altar (Ministério Trazendo a Arca)
Quem quer a glória **traz a arca**
Quem quer o fogo **traz sacrifício**
Quem quer a vida que **suba a cruz**
Quem deseja o favor do Rei
Toca na ponta do altar
Quem mais poderia te livrar
E mudar tua sorte de uma vez
Prostre-se ao chão, estenda a tua mão
E toque no altar
Tu alcançarás o favor do Rei
Toque no altar
Quem quer resposta
Queima incenso
Quem quer a cura
Toca no manto
Quem quer a honra
Rasque suas vestes
Quem deseja o favor do Rei
Toque na ponta do altar

Além de canções de grupos como este que reafirma a imagem da arca ou como o “Diante do Trono”, que enfatiza a mensagem do Deus Rei Majestoso, programas como o “Vitória em Cristo”, com o Pastor Pentecostal Silas Malafaia, veiculado semanalmente na TV, e filmes como “Desafiando Gigantes”, uma produção dos EUA com ampla divulgação entre evangélicos brasileiros contribuem para a disseminação do discurso sígnico da teofania monárquica do AT.

A decoração de altares, que são ao mesmo tempo cenários de programações de TV, como os da Igreja Renascer em Cristo, tem em destaque a *menorah*. A internet, com a infinidade de websites de grupos evangélicos dos mais distintos, é veículo certo na promoção de eventos como as festas da tradição judaica ou de imagens de altares e vestes de grupos musicais ou de coreografia.

Esta ampla disseminação pela mídia evangélica, além de respaldar a ênfase na ressignificação dos signos do AT, colabora na superação da tradicional rejeição de símbolos visuais na prática religiosa evangélica.

Notas conclusivas

É possível, a partir das noções descritas, voltar à pergunta: por que, então, a ênfase na teofania da tradição monárquica de Jerusalém na prática das igrejas

evangélicas hoje? Pode-se concluir pelo estudo acima apresentado, que ela parece ser a única referência bíblica capaz de referendar as teologias da Prosperidade e da Guerra Espiritual entrecruzadas com a mediação social do capitalismo globalizado e sua lógica de mercado.

Essa teologia também parece ser a justificativa bíblica mais adequada para uma postura intimista de relacionamento com um Deus que espera unicamente ser adorado – este é o serviço que o rei espera de seus súditos. Deus precisa ser compreendido como dominador, soberano e vencedor – assim a estima dos súditos é elevada. E mais, elevada a ponto de se interpretarem não como vassalos, mas como herdeiros, príncipes, aqueles que têm acesso à “Sala do Trono”, que têm direito à herança da realeza, para alcançar esse status, “tocando no altar” e “recebendo os favores do rei”.

Daí a necessidade da seleção, da separação, próprias da teologia judaica sacerdotal, que impunha a pureza do corpo como um princípio fundamental para o alcance da atenção de Deus. Nessa lógica, os filhos de Deus, os verdadeiros adoradores, precisam ser purificados, separados, hierarquicamente organizados – ressurgem, portanto, ressignificada, a figura dos levitas.

No momento em que a lógica do capitalismo globalizado, baseada na posse material, na seleção e na competição prevalece como base da organização social, a ressignificação de signos da teofania monárquica do AT surge como sua extensão, ou mesmo, como expressão cultural desse capitalismo em versão religiosa.

Referenciais

- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**. As consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- CUNHA, Magali do Nascimento. **Explosão Gospel**. Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- FORRESTER, Viviane. **O Horror Econômico**. São Paulo: Unesp, 1997
- GONDIM, Ricardo. **O Evangelho da nova era: análise e refutação bíblica da chamada teologia da prosperidade**. São Paulo: Abba Press, 1993.
- HAGIN, Kenneth E. **O Nome de Jesus**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1988
- IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996
- IANNI, Octavio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993
- NOTH, Martin. **Estudios sobre el Antiguo Testamento**. Madri: Ediciones Sigueme, 1985. (Biblioteca de estudios biblicos, 44).

- ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994
- PEIRCE, Charles Sanders. **Estudos coligidos**. Tradução: A. M. D'Oliveira. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

Figuras e suas fontes

Figura 1

Imagens dos sites

trazendoarca.webstorelw.com.br/products/pra-tocar-no-manto

andrepaganelli.net

submarino.com.br

shopmania.com.br

cdsgospel.blogspot.com

gospelmediastore.com

Figura 2

Imagens dos sites

guiaparanoivas.com.br

touch-gospel.com

itapetininga.olx.com.br

todaoferta.uol.com.br

Figura 3

Imagens dos sites

ministerio-soprodevida.blogspot.com

imagensescolha.blogspot.com

menorahdejequitinhonha.blogspot.com

apaixonadosporcristo.zip.net/

Foto da entrada do templo do Ministério Além do Véu, na Av. Caminho do Mar, São Bernardo do Campo

Figura 4

Imagens dos sites

stylluseventos.com.br/eventos/04.htm

querotelouvar.loveblog.com.br

gospelvip.com.br

missaovinde.com.br

Figura 5

Imagem do site

http://www.editoracentralgospel.com/_gutenweb/_loja/pg_produto.cfm?cod_produto=69246

Figura 6

Imagens dos sites

<http://gaditascelulajovem.blogspot.com.br/>

geracaodegaditasibf.blogspot.com

jovensgaditasdedeus.blogspot.com

jovemlivre.wordpress.com

Recebido: 17/02/2014

Received: 02/17/2014

Aprovado: 19/07/2014

Approved: 07/19/2014